

## O ELOGIO DA TRADIÇÃO

A casa objecto deste artigo situa-se em Coimbra e foi projectada há alguns (poucos) anos atrás para os Dres. Lourdes e Celso Chieira. Amigos da minha Família desde sempre.

Curiosamente, e ao contrário do que é habitual nestas andanças, a vontade de ambos no que diz respeito ao “estilo” da casa não era coincidente. Era-o no que diz respeito ao programa geral, mas não nesta matéria – tão delicada.

O Dr. gosta mais do “estilo tradicional” – queria qualquer coisa que lhe pudesse recordar a quinta que possui perto de Coimbra e que tanto estima. A Dra queria uma casa mais “moderna”. Estava já um pouco cansada de casas demasiado “tradicionais” – Pretendia um ambiente mais aberto, fluído, com luz em abundância e com uma tipologia (ou estilo) claramente mais modernista. A referência principal que me trouxe foi um livro com fotografias de casas de Frank Loyd Wright.

E agora...; Como é que se sai desta?

Parece difícil mas não é! Na verdade, tudo resulta da grande confusão que hoje se faz à volta do conceito ou significado de Tradição. Confunde-se Tradição com historicismo. Pretende-se que Tradição é algo que parou no tempo, é do passado por oposição aquilo que é moderno e que é do presente.

Claro que isto não passa de um grande disparate, fruto da ignorância e da manipulação do pensamento de que se usou e abusou durante o séc. XX –, dominado por regimes totalitaristas, à esquerda e à direita – e que distorceram, conforme dava mais jeito, a História, os valores e os conceitos que desde sempre orientaram a Humanidade.

É evidente que bastará uma atitude um pouco mais crítica e livre para perceber imediatamente que Tradição é algo que, na sua essência, implica dinâmica. Dinâmica, movimento, evolução, mudança, na transmissão de geração em geração, de pai para filho, daquilo que é essencial ao Homem. E, neste processo, melhorar sempre, não perdendo de vista aquilo a que se chama o Arquétipo – o que está na origem, ou o original, que justificou essa passagem do conhecimento.

Por outro lado, a modernidade não pode ser confundida com o modernismo. A primeira é um termo que é sinónimo de contemporaneidade e, o segundo, é um movimento artístico que nasceu e morreu no séc. XX e que assumiu diferentes expressões regionais, ou nacionais. O modernismo Catalão – de Gaudí, por. Ex. – Não tem nada a ver com o modernismo francês, ou português. Nestes, uma das características principais era o “fazer tábuas rasas” de tudo o que estava para trás – cortar com o passado e com a história, e com a tradição, portanto – e inventar tudo de novo.

Ora, hoje, já compreendemos que há coisas que são intrínsecas ao Homem, das quais este não pode separar-se sem com isso perder qualidade de vida e, convenhamos, será que em cada casa que fazemos é necessário inventar tudo de novo? Será que a invenção ou a novidade “per si” é o único atributo válido da expressão artística? Não haverá hipótese de criatividade nas Expressões artísticas tradicionais (entenda-se o termo no seu verdadeiro significado)? Claro que há... e,

sem sombra de dúvida, essa é a expressão mais adequada ao Ser Humano quando se trata de Arquitectura ou, mais ainda, da Cidade.

A este propósito recordo um episódio de uma série sobre viagens que vi recentemente na televisão, no qual um músico famoso do Mali – Amaru –, virtuoso da “Kora” (instrumento de sonoridade semelhante à da harpa), descendente de uma família de tocadores de Kora, conhecido por ter cruzado a forma ancestral de tocar este instrumento com influências diversas – da pop ao rock e ao jazz, respondia ao entrevistador quando este lhe dizia:

- “O seu pai não deve estar muito satisfeito com esta mudança.”

- “Não, eu não estou a mudar a forma de tocar a Kora, estou só a melhorá-la ou a aperfeiçoá-la.”

É notável como uma sociedade com esta – que não foi tão sujeita às manipulações, modas ou chamem-lhe o que quiserem, das novas sociedades industrializadas -, a noção de tradição ainda não está deturpada.

Sim, porque não tenhamos ilusões, esta obsessão pela novidade ou pela constante inovação decorre, em muito, do facto de vivermos em sociedades demasiado industrializadas, cujo funcionamento depende muito desse mito, dessa obsessão, que transporta o consumo para níveis completamente disparatados e acabará por prejudicar o equilíbrio que as sociedades baseadas no mercado livre poderiam possuir se não fossem empurradas para esses níveis de exagero consumista.

Bom, mas vem tudo isto a propósito da casa dos Chieiras, em Coimbra. O que é que se fez? Como se resolveu a aparente – falsa contradição? Nada mais do que uma casa que, sendo tradicional é, naturalmente, contemporânea. Tal como com o tocador de Kora, também aqui se cruzam influências – a tradição beirã, da Beira Litoral – com tipologias de espaços interiores mais fluidos – salas com duplo pé-direito e galerias abertas, acabamentos mais depurados; Materiais que se utilizam desde sempre na construção de habitações, nesta região, madeira, pedra, cerâmica – lado a lado com o aço inox ou o alumínio.

A casa desenvolve-se muito na vertical, uma vez que o terreno onde se implanta é bastante inclinado e estreito. E esta característica determinou também o tal efeito de fluidez – mais em altura do que na horizontal (como é tão característico nas casas de F. L. Wright). O resultado final é o que nos é dado agora conhecer. Eu estou satisfeito com a obra – para o que contribuiu também a qualidade do empreiteiro – A Ondiconstrói e o Engenheiro Júlio Maria – E sei que os Donos da Casa também.

Como diria Marcello Veneziano no seu notável “Elogio Della Tradizione”: A vida, como o mar continuará ora agradável e pacífica, ora ameaçadora e terrível; mas nós, ao menos, sabemos que estamos seguindo uma rota.

José Baganha